

O processo de criação literária em Sigmund Freud*

Maria Cristina C. de Albuquerque
Prof.^a aposentada do Departamento de
Neuropsiquiatria - UFPE



Senhor Presidente da Academia Brasileira de Letras
Demais membros da Mesa
Acadêmicas, acadêmicos
Senhoras, senhores

A minha condição de romancista e psiquiatra em nada me facilita a tarefa desta tarde. Na adolescência, a exaltada admiração que a leitura de Freud me despertou ajudou-me a galgar esta dupla posição. Hoje, aumenta minha responsabilidade de escolher a correta abordagem do tema.

Sob muitíssimos ângulos, a obra do velho mestre parece-me demasiadamente complexa. Pequeno é o tempo de que disponho para abordá-la. Menor ainda o meu poder de ordenação e síntese de uma miríade de palpantes lembranças que qualquer ângulo de seu trabalho desperta em minha memória, marcada em sua juventude por sua figura fascinante.

Cinquenta anos antes do nascimento de Freud, Haydn, ao ouvir a Terceira Sinfonia de Beethoven, afirmou:

Acabei de ouvir uma sinfonia cujo tema é o próprio compositor. Apenas não sabia que sua alma era tão ruidosa. A partir de hoje, em música tudo vai estar mudado.

O homem que mudou, para sempre, a psicologia humana encontrou a matéria para a elaboração de sua doutrina dentro dos tumultos de sua própria alma.

Sigmund Freud, nasceu em 6 de maio de 1856 em Freiberg, na Morávia, hoje República Tcheca. Educou-se em Viena.

Cedo entusiasmou-se pelas teorias evolucionistas de Darwin. Não foi, no entanto, o interesse pela biologia que o fez cursar Medicina. Chegou à escola médica animado pela leitura do belo ensaio de Goethe sobre o conhecimento da natureza: uma visão romântico-idealista do mundo que une ciência e poesia, razão e sensibilidade. Freud era um bom leitor. Deixava-se fecundar pelo que lia.

Na faculdade, realizou pesquisas sobre o sistema nervoso de peixes primitivos. Graduado, não demonstrou maior interesse pela prática clínica. Preferiu pesquisar a anatomia do sistema nervoso. Talvez aspirasse, em secretas fantasias, encontrar o lócus da mente. Trabalhou com Breuer, em Viena e depois com Charcot em Paris, no La Salpêtrière. Tanto Brauer quanto Charcot eram neuropsiquiatras e usavam a hipnose no tratamento dos sintomas histéricos.

Especializou-se em neuropatologia por pressões financeiras. Mas seu interesse pela mente humana o transformava em pesquisador obstinado. Tentava realizar seu trabalho com rigor metodológico. Mesmo assim, seu talento literário e a imaginação prodigiosa comum aos romancistas, deixaram marcas indelévels em sua obra.

A minha proposta para a tarde de hoje é analisar a "literariedade" o que confere qualidade literária a um texto em Sigmund Freud. Intentando uma apreciação ainda tosca de seu processo de criação literária.

A concepção freudiana do escritor não é inteiramente uniforme. Mesmo ao lidar com obras-prenhes de visão interior precursora de suas próprias teorias, Freud acreditava que o artista se distanciava "neuroticamente" da realidade. Por não conseguir estabelecer um compromisso com a renúncia à satisfação dos seus sentidos, ele dava livre curso a seus desejos apenas nas fantasias. A qualidade artística de suas criações agradava ao público. Garantia-lhe aceitação social. Mas o afastava de uma cura real.

Mesmo cultivando conceitos tão estreitos, ao ler *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer, Freud afirmou:

O que o filósofo de Dantzig ali diz sobre a resistência oposta à aceitação de uma realidade penosa coincide tão inteiramente com o conteúdo do meu conceito de repressão, que, uma vez mais, devo apenas à minha falta de leitura o poder de atribuir-me um descobrimento.

Na mesma página de sua *História do Movimento Psicanalítico*, ele confessa:

Posteriormente, de propósito, me privei do alto prazer de ler Nietzsche para evitar na elaboração das impressões psicanalíticas toda idéia preconcebida. Isto me obriga a estar disposto e com prazer estou a desistir de toda prioridade nos casos em que a investigação psicanalítica não pode fazer mais que confirmar a visão intuitiva do filósofo.

Desde 1895, com a primeiras observações das grandes expressões da histeria - marcas de uma época, Freud alinhavava seus conceitos sobre repressão, inconsciente e sexualidade infantil. A vida erótica do menino foi um dos pilares de sua teoria. Parecia projetar nexos associativos encontrados em seus próprios abismos para resgatar a compreensão do psiquismo humano. Ao modo de qualquer romancista. Dentro dos cânones da urdidura da teia romanesca. Ele negava seu espírito criador torturando-se nos rigores do método científico. Tentava pôr rédeas em sua fantástica imaginação.

Por não vê-los certificados pela ciência vigente, não percebia que os conceitos de repressão, inconsciente e sexualidade infantil faziam parte do vasto acervo imemorial da humanidade. Registrados e divulgados pela arte desde todo sempre. Na tradição oral, nas lendas, nas histórias infantis, na grande tradição da literatura.

Em 1914, em sua *História do movimento psicanalítico*, fala em "descobrimto da sexualidade infantil", para ele "trabalho psicanalítico legitimamente conquistado". Surpreendia-se em ver que clínicos conheciam a repressão sexual como fonte de angústia. Registrou seu desagrado quando o doutor Chrobak sugeriu que se prescrevesse para uma

paciente, esposa de um impotente:

Penis normalis! Repetatur!

A ele cabia o delicado trabalho de resgatar e sistematizar todo esse material subjetivo, complexo e pleomorfo como a mente humana. Por ser dela parte profunda, primária e indissociável.

Sua missão foi um trabalho infinitamente mais sutil do que o que coube a Darwin. A obra monumental do biólogo limitou-se à sistematização no tempo das pistas, marcas e registros da evolução das espécies. Pegadas resguardadas pela sabedoria da natureza em forma de concretos ossos petrificados. O objeto da investigação de Darwin vinha à tona exato e contundente.

Já as "evidências científicas" a serem trabalhadas por Freud insinuavam-se na forma de fluidas interpretações. Dados psíquicos resgatados às custas de seu próprio mundo interior que transbordavam os limites do apenas científico. Ele não desejava admitir esta possibilidade. Não reconhecia seu próprio papel criador. Mesmo quando, honestamente, em sua *Autobiografia*, teve de admitir:

Sob a pressão do processo técnico que usava naquela época, a maioria de meus pacientes recordava cenas de sua infância cujo conteúdo era a corrupção sexual delas por um adulto (...). Dando fê a estas comunicações de meus pacientes, supus ter achado (...) as fontes das neuroses posteriores. Não estranharei que algum leitor sorria ironicamente, tachando-me de excessivamente crédulo (...). Quando me vi, mais tarde, forçado a reconhecer que as citadas cenas de corrupção nunca tenham acontecido, sendo apenas fantasias que eu mesmo tivesse sugerido, fiquei perplexo durante algum tempo. Chegara às citadas cenas por um caminho técnico que julgara correto. (...) Mas quando consegui me recompor da primeira impressão, deduzi, imediatamente, que os sintomas neuróticos não se achavam ligados a acontecimentos reais, porém a fantasias optativas. (...) Não creio entretanto ter podido "sugerir" tais fantasias de corrupção.

Freud defendia-se antecipadamente da crítica que colocaria em risco os alicerces de sua doutrina. Negava a complexidade das relações entre criador e criatura a influenciar as expressões e interpretações dessas mesmas fantasias.

Ele tampouco pôde esclarecer se a criação literária seria um transtorno psíquico ou uma defesa neurótica. Seria o romancista semelhante à criança que reconstrói a realidade para adaptá-la a seu gosto? Não teria sido assim que ele agira algumas vezes? Ou teria sido como o psicótico que mergulha no seu delírio?

Os que me escutam, escritores experientes, não se escandalizarão ao me ouvir dizer que Dickens dizia escutar suas criaturas. Que falava de personagens que se apossavam da sua história. Ou que Flaubert,